

— EDITOR —

Visado pela Censura

Prof. Eduardo de Sousa  
Com o Curso Superior de Farmácia

---



---

— Impresso na —  
Tipografia Económica,  
Mapuça.

— EDITOR —

*Prof. Eduardo de Sousa*

*Com o Curso Superior de Farmácia*

Visado pela Censura

# Cartas sem Destino

— Impresso na —

*Tipografia Económica,  
Mapuça.*



A' S. Exia. o Governador Geral  
Com. Fernando de O. e Mendonça Dias -  
alma de apóstolo e <sup>minha</sup> caráter impolito -  
cumprimento pelo <sup>melhor</sup> amigo, deseja mil felicidades  
no seu governo e <sup>amiga,</sup> forma a liberdade de oferecer este seu  
modesto trabalho — o auctor.  
Bandolim, 1 de Janeiro de 1949

Edward de Sousa dedico

êste livrinho que encerra dezóito cartas publicadas em edições seguidas do semanário "Correio de Bardez" a partir de 22/9/47.

*Minha querida Paula.*

**E**xistem mulheres espirituosas com razões secretas para preferir um idiota a um homem de espirito.

**D**eu-se o caso com a minha Alina que forçada pelo pai teve que ser uma mulher espirituosa.

**U**fanou-se, deveras, com esse casamento a familia do marido que a todo o custo procurava pergaminhos para a sua estirpe.

**A**rdeu a Tróia quando começou a festa que foi de arromba com comes e bebes à fartura.

**R**etiraram-se, satisfeitissimos os convidados citadinos mas as impressões que levaram da aldeia e transmitiram aos da cidade em nada abonavam os donos após tantos gastos feitos.

**D**isseram à boca cheia que o imbecil do rapaz e mais o palhaço do pai pelas despesas feitas revelavam-se burgueses enriquecidos, begarins na geração dos avós, procurando honras a custa do pecúlio accumulado, Deus sabe como.

**E**xemplo te sirva de lição na festa que tens em vista. Não faças gastos inúteis, que estes só nos desacreditam,—eis o conselho amigo desta tua.

*Lina.*



*Minha querida Lina.*

**E**scrives que a tua Alina forçada pelo pai teve que aceitar um imbecil para companheiro de vida.

**D**eus escreve o direito por linhas tortas. Estes animais, embora zeros no valor pessoal, humanados pelo pecúlio deixado, com as suas atitudes macacais não deixam de nos divertir.

**U**sam-se com fatos brancos... trazem anéis grossos... bonés simbólicos dos avós... chinelos de cabedal... e isto nos faz lembrar dos polichinelos levantados nas plantações. São sepulcros caiados de branco.

**A** preocupação de conseguir honras e alturas obriga-os a depreciar tudo e todos.

**R**egenerados pelo dinheiro, promovem festas para inculcar no público com bizarra galhardia a sua fidalguia.

**D**e pés e mãos tentam subir... agarram-se aos lugares honorários qual ostra à concha, e o metal proveniente de usuras e hipotecas lá vai fazendo som.

**O** seu procedimento exige perdão ou desprezo. Pequenos de nascimento, menores no cérebro e minimamente pobres de espírito, lá têm o seu direito ao Reino dos Céus—eis a única consolação que fica a esta tua.

*Paula.*

*Minha querida Paula*

*Este mês será para mim o pior de todos, porque já não tenho forças para arcar com as dificuldades provocadas pela carestia.*

*De tôdas as economias feitas, nada me resta; aguarda-me a fome e o desespero.*

*Um cumbo e meio de bate, que os colonos me darão de renda, irá tudo distribuido pelo meu próximo necessitado.*

*Animada de sentimentos altruistas vendo o que tenho, para depois adquirir o mesmo a preços triplicados, forçada pelas necessidades.*

*Ratear entre os omigos o excedente é um dever sagrado que a caridade nos impõe. Sonegar é pecado; mas vender fazendo falta, creio que é desvario é loucura...*

*Desfeita em prantos, vou dedicar este mes do Rosario, para preces continuas, pedindo para que o espectro de fome se afaste de todos nós e eu possa ter coragem para suportar com heroicidade o suplicio de Tântalo que consiste em não poder tocar, no bate que tenho, apezar-de ser meu.*

*Onde está a moral, está a religião. Crês tu que alguém está obrigado a dar do que precisa? Concordará com a tua opinião esta tua,*

*Lina*



*Minha querida Lina.*

*Esta tua amiga acha que é loucura dar, do indispensável, ao próximo igualmente necessitado.*

*Da ração atribuída, nem é bom falar. As miúdas galinhas precisam de dois candis por ano. Seguem—lhes os gatos e o cão de defesa que poderia dispensar já que nada tenho para ser guardado pois até as jóias, uma, a uma, foram-se despedindo de mim.*

*Um produtor, após mil sacrifícios, se quiser conservar a sua vida e a da sua cultura futura tem que sonegar, ou recorrer ao mercado negro.*

*A presente situação é desesperadora. A semente devia ser regulada segundo o cálculo, que a produção varia todos os anos, mas a semente não. E o cálculo é sempre o mesmo.*

*Razões de peso tenho para dizer que a ração é insuficiente e que assim as culturas irão sofrendo.*

*Doentes por alimentação insuficiente, creio que os desgostos morais nos levarão mais cedo que os males físicos.*

*Consumidor sobrevivente terá maior ração, diminuído o divisor, que com outra solução não atina esta tua.*

*Paula.*



*Minha querida Paula.*

**E**ntusiasmada fui para as praias anunciar no mercado matrimonial as duas pequenas, frescas como rosas.

**D**izia-se que era o único lugar onde se podia ver e ser visto, escolher e ser escolhido.

**U**sando trajes elegantes passeamos pela praia por um mês a ver rapazes pálidos de olhos encovados, metidos em sapatos de tacão e fatos engomados com relógios anéis e canetas de valor, cigarro ao canto da boca e um instrumento de cordas no sovaco.

**A**mor, amor, amor... era o amor em romaria para trocar e ser trocado.

**R**aptos de amor, roubos de corações, idílios nuancados de paixão com endeixas melancólicas ao sol posto... tudo isto é hoje o apanágio das praias.

**D**oida de alegria, corri para as praias, sem me importar com coisa nenhuma, mas voltei desiludida com sonhos desfeitos, dinheiro perdido, roupa estragada, saúde arruinada...

**O**s meus avós também iam para as praias, mas eram mais positivos. Tiravam o máximo proveito daqueles ares pondo de contacto as duas naturezas. A vida moderna com os seus deslumbramentos deixou desorientada esta tua

*Lina.*



*Minha querida Lina.*

**E**mbalada pela esperança visitaste as praias e voltaste desiludida, castigada pelo imprevisto.

**D**esmanchaste à custa da tua própria experiência, as teias armadas pela tua imprudência, caprichosamente, extravagante.

**U**ltramoderna por educação adoptiva, tentaste vãos longínquos nas asas do sonho e fantasia, e é por isso que achaste duros os golpes da realidade...

**A**dôr que te causou o inesperado foi terrível. É que o aguardado prepara o nosso ser para o bem ou mal. É por isso que o inferno não basta para conter as almas na virtude.

**R**apazes do século presente desconhecem a poesia do dever. São bons todos aqueles que não foram surpreendidos em flagrante ao cometer um acto mau.

**D**o herói ao bandido, é só questão de sorte, porque um gatuno bem sucedido é louvado pela sua coragem, pela sua inteligência, enfim pelo seu triunfo.

**O** mau é o que teve pouca sorte. Censura-o o funcionário cábula; o letrado rábula; o gatuno que não foi catrafilado; o juiz deshonesto que perdoa o peculato, ... e até, levada pela maré do século, esta tua

*Paula.*

*Minha querida Paula.*

**E**ngalanou-se, no sábado último o Instituto Vasco da Gama, para prestar homenagem à memória de uma professora distinta e escritora de renome.

**D**escendente de uma ilustre família de Salcete, exerceu uma influência preponderante no meio contemporâneo com a sua personalidade de mulher culta sem frequentar Universidades nem possuir diplomas.

**U**ltraliberal em assuntos sociológicos a sua auto-cultura e crença na virtude, legam-nos no exemplo da sua fé razões da nossa esperança, e na recordação da sua tenacidade motivos da nossa perseverança.

**A**s suas conferências, as suas palestras, enfim as suas lições magistrais resumiam-se em inculcar na juventude o culto pela Virtude e pela Família.

**R**ainha do lar, a mãe deve preocupar-se em burilar o cérebro do seu petiz, para tirar dele centelhas de luz.

**D**itosa é a família onde a mulher sabe manter a paz doméstica, assemelhando-se aos anjos, seus irmãos.

**C**amor deve ser o arco e o homem o artista deste instrumento delicioso que é a mulher, aformoseada pela sua compostura moral. Que idea pobre que não faz, da mulher que franqueia ao público o recolhimento do seu lar, ou daquela que compra a celebridade a tróco da sua honestidade, esta tua

*Lina.*



*Minha querida Lina.*

**E**vocando recordações plangentes, descreves na tua última carta a actividade de quem em vida foi sócia do nosso Instituto Vasco da Gama.

**D**eslaurear o mérito a justa fama é tudo o que de mais vil pode produzir um ente humano, mas nos nossos elogios devemos ser cautelosos, comedidos e não comediantes, como muitos são.

**U**lulantes na dor e irreverentes no prazer, abusamos da adjectão em descrições que parecem apaixonadas atingindo culminâncias descompassadas.

**A**preciei a tua maneira de encarar a mulher como rainha do lar. O nosso reino não deve ultrapassar as fronteiras habituais.

**R**essaborea em silêncio o primor da sua obra a mão que embala o berço, porque é ela e só ela quem governa o mundo, e forma os homens.

**D**eus que se arrependeu de ter feito o homem, nunca se arrependeu de ter feito a mulher. Subtraído ao influxo, não passageiro e cego, mas permanente e racional da mulher, nunca o homem chega a ser, verdadeiramente, ilustrado e culto.

**Q**uêu púdico das nossas graças faz desabrochar com mã mágica, a flor imortal dos nobres sentimentos do homem, a quem só odeia, quando sendo infame fala de virtude e de pundonor, esta tua

*Paula.*



*Minha querida Paula*

*Engolfada em conjecturas, cheguei a concluir que a nossa pior hipótese é o ingrato.*

*Decidido a fazer tudo no momento em que se vê em talas, o ingrato, ao pedir, curva-se, reverente, de mãos juntas e joelhos em terra*

*Veremos em promessas e elogios o seu compromisso extingue-se com o favor merecido.*

*A mordedura de uma serpente não é tão dolorosa como o desdém que apresenta um ingrato. Eu prefiro o hipócrita que me ilude e me engana ao torpe ingrato que passa por alto ináferente aos beneficios recebidos.*

*Renego os ingratos. Serei de futuro prudente e cautelosa para com os vis que, passada a festa já se não lembram mais do santo, numa inconsciência que aguilhoa o bemfeitor.*

*Dir-se com eles até em prejuizo próprio! Eles que não passam de varejas! Pois, assim como estas empecoñham o corpo que as sustenta, elles vendem os protectores que os agasalham!*

*O favor granjeado não passa de um aerólito fugaz. O beneficio obtido durou pela vida inteira, mas a divida obliterou se .. a gratidão acabou-se com o obrigado que morreu nos lábios ou um presente que se arrastou até a porta do bemfeitor. Jámais terás por ingrata esta tua,*

*Lina*



*Minha querida Lina*

**E**scorraçar os ingratos? Mas como conhecê-los se todos eles andam apetrechados de mil artes para iludir o protector e ludibriar o bemfeitor?

**D**otado de uma peculiar modalidade de cambiantes cores, o ingrato disfarça se, de leão que é, em ovelha, apresentando misérias e implorando compaixão, até conseguir o seu fim.

**U**ltrajando os bemfeitores, cuidas que os beneficios lhes serão propícios? Jamais!

**A**quele que não fez ingratos, é, sem dúvida, o maior dos ingratos porque nunca soube compadecer-se do seu semelhante.

**R**ascão de natureza, o ingrato merece indulgência, porque confunde-se com o seu bemfeitor.

**D**imanando em nós sentimentos espirituais, com ambições mais altas, só devemos agradecer os ingratos que augmentam os nossos merecimentos perante Aquelle que nos aguarda galardoar.

**O** nosso orgulho leva-nos a fazer alarde das ingratidões. Queixar-se da ingratidão é fazer estendal dos favores que, pagos envilecem aqueles que os recebem e deshonram aqueles que os concedem, como julga esta tua,

*Paula*

*Minha querida Paula*

**E'** com imensa alegria que te comunico ser o dia de hoje o maior do cristianismo. E foi nêsse dia que há trinta anos atrás, a nossa prima Lidia viu este mundo.

**D**e tantas primaveras volvidas, nenhuma lhe deve ter sido tão cara como a última, e já deves saber a razão.

**U**ma primavera a mais é um degrau a menos na descida para o tûmulo, mas enquanto muitos teem nela uma mágoa, eu não vejo senão prazer.

**A** morte é a libertação da vida. A vida é um continuo desgaste de células. O desgaste é proveniente de trabalho. O trabalho carece de esforço. O esforço é sempre doloroso—eis porque a vida é uma dor que só acaba na tumba.

**R**ecordar é viver. Se queres ser alegre, áeves estar de tal forma entretida em trabalhos que não tenhas tempo para pensares nos teus contratempos.

**D**ura a nossa vida um momento. Compara.o com a eternidade e verás que até os bólides teem a sua trajectória mais completa.

**C**ô bôlide e o aerólito sabem o tempo da sua duração. Na vida humana tudo é incerto, como apreensiva é a vida de além-tûmulo para os que nela não teem fé. Tu, com certeza vives de esperança confiada na fé da tua

*Lina*



*Minha querida Lina*

**E**ntretida em afazeres, passou-me despercebida a data do aniversário natalício da nossa prima a quem fiz, dois dias depois, um bilhete ante-datado.

**D**esencarquilhada pelas irregularidades dos serviços postais, não teria outra desculpa perante a minha falta imperdoável.

**U**ma irregularidade favorece e cobre outra e assim é este o círculo vicioso que alimenta as nossas distrações e as nossas negligências.

**A**s tuas considerações sobre a vida e a morte obrigaram-me a pensar muito acerca do meu futuro aqui e acolá.

**R**ecomponho os meus actos que nesta hospedaria é necessário ter as malas sempre prontas.

**D**evemos proceder sempre como se tivéssemos de viver longamente e regularmo-nos em todos os nossos actos como se devessemos morrer amanhã, porque a nossa vida é um medo perpétuo que foge atraz dos que nascem e corre atraz dos que morrem.

**Q**uando símbolo da vida humana é uma cruz coberta de uma grinalda de rosas. A felicidade não está em viver, mas em saber viver. Só vive mais o que vive melhor porque a vida não mede o tempo mas o emprego que dela fazemos. Encara a vida como uma enfermidade mortal esta tua

*Paula*

*Minha querida Paula*

**E**ntre o ingrato, o devasso, o mexeriqueiro e o traidor não sei a quem escolher. E' uma súcia que paga a confiança neles depositada por uma decepção.

**D**evasso que se estorce em camas alheias é quem nunca se reabilita, porque nasceu vicioso e passou a viver inconscientemente.

**U**m devasso é como um hidrópico. E' como a aranha repugnante e insatisfeita que inutiliza as mais lindas borboletas incautas.

**A**i daquele que teve por amigo um devasso! Este, para conseguir o seu fim, é capaz de tudo. Conheci devassos que para haver o que lhes era devido, deram conselhos perfidos até aos seus benfeitores!

**R**epudia a mulher e aniquila o lar o marido devasso que profanando o seu sacramento imola a honra alheia para saciar o seu prazer.

**D**issipando a sua vida, o devasso ataca quem o protegeu, fazendo-se de mexeriqueiro sicário da honra alheia que não preza porque nunca a conheceu.

**O**ciosos são quem, geralmente, cultivam a devassidão e não tendo mãos para fazer obra boa, só tem língua para caluniar a alheia. Este é o pior dos traidores que conheceu esta tua

*Lina*



*Minha querida Lina*

**E**scrives uma epistola longa marcando os traidores com ferrete. Os intrigantes e os mexeriqueiros são, de facto, o cancro da nossa sociedade.

**D**o mexerico à malidicência vai apenas um passo; pode-se até afirmar que a malidicência é o sol do mexerico.

**U**m maldizente é sempre invejoso. Tem olhos miopes para ver o bem, e pulmões de ferro para apregoar o mal. O que a emulação é para as almas nobres, a inveja é para as almas vis.

**A** inveja é um vicio sem deleite que atormenta quando se dissimula e desacredita quando se conhece. Mas o invejoso castiga-se como o zangão que ao picar perde o ferrão.

**R**evela a inveja o complexo de inferioridade, a homenagem que o invejoso presta, sem querer, ao mérito.

**D**esgostosos da amizade e felicidade alheia, os intrigantes, arranjam sarilhos, inventando factos, desvirtuando intenções, provocando conflitos para conseguir inimizades, criando águas turvas . . .

**O** resultado é sempre triste. O caluniador, apanhado em flagrante nega, jura, pragueja, mente, apresenta-se como inocente, requiere averiguações mas nã lama que chanfurdar mais se emporcalha como teve ocasião de verificar esta tua,

*Paula*

*Minha querida Paula*

**E**spero que no teu agir terás os homens como aquele pedaço de gelo que o árabe guardou, no capuz, e que sedento, debalde, procurou.

**D**irás que sou pessimista. Sendo a nossa vida um rosário de misérias e a dor a parte constitutiva do nosso plasma, o ser humano deve ser, fatalmente, pessimista. ¿ Porque é que a criança chora logo ao nascer e só ri alguns meses depois ?

**U**m dos sonetos de Quental diz : Só males são reais, só dór existe : prazeres só os gera a fantasia.

**A** impressão que em nós deixa a dór é sempre positiva. O prazer é superficial e só o desgosto é profundo. Entre dois animais um devorando o outro quem experimentará sensações mais fortes: o devorador ou o devorado ?

**R**epugna-te aceitar que na vida civil o domingo representa o aborrecimento e os seis dias da semana miséria?

**D**oloroso é sempre o sentimento provocado por um hábito suprimido. O prazer suprimido pelo hábito só nos é sensível quando substituído pela dor.

**O** aborrecimento dá-nos a noção do tempo. As horas nos correm tanto mais rápidas quanto mais agradáveis. A nossa existencia nos é tanto mais feliz, quanto menos a sentimos, e os homens são aquele pedaço de gelo do árabe imprudente como os classificou esta tua

*Lina*



*Minha querida Lina*

**E**nraivecida contra os homens, fôste capaz de os classificar de um pedaço de gélo guardado em vão, com mil cuidados, pelo árabe providente no seu capuz.

**D**iscorres com mestria sobre os efeitos da dor. Como eu posso sentir e saborear embora de longe, este teu alimento fecundo, cotidiano!

**U**m prazer nos é menos sensível que a dor. Emquanto os prazeres são relâmpagos, a dor representa séculos, sendo mais duradoira quando provocada pelo remorso ou por um prazer ilícito.

**A** verdadeira alegria sem sombra de dor só a poderás encontrar nos prazeres inocentes. Estes jamais terão o pesar por limite. Camões diz: "aos olhos que vivem descontentes, descontente o prazer se lhes afigura."

**R**espeitosa é para mim a dor que não pede compaixão. Esta, porém, é muito difícil de se encontrar como a miséria verdadeira. É que uma espécie de poder instintivo oculta as feridas de uma e os farrapos de outra.

**D**or solitária, dor esquiva, dor que se concentra, dor que não se manifesta, esta dor muda, geme no coração, até que o parta. Dor que se expande em soluços, depressa se desvanece, porque a dor manifestada é acalmada.

**O** prazer honesto não traz dores. É sempre moderado; deleita-nos sem nos embriagar; eleva-nos sem nos aborrecer, e, por ter sempre o seu apoio no dever, adora-o esta tua

*Paula*



*Minha querida Paula*

*Esta é a minha nona e última carta da série "CARTAS SEM DESTINO", iniciadas na última semana do mês de flores do ano findo.*

*Deves saber que pretendo reunir num folheto tôdas as nossas cartas. Saldemos a nossa dívida para com a sociedade publicando o modesto livrinho que entendo deve ser dedicado à nossa prima Lídia Pereira e Sousa sendo cada carta a cada letra do seu nome.*

*Usamos de fórmulas simples e eis os assuntos ventilados: Os espantalhos da sociedade; a loucura em distribuir do indispensável; a ilusão das praias; a homenagem dignificando uma mulher; os ingratos; o aniversário natalício da prima; a súcia dos sicários da honra alheia; as dores e os prazeres da nossa vida; e a nossa sociedade.*

*A nossa sociedade é um baile de máscaras. Mais se ganha no paço às larretadas que na campanha às lançadas.*

*Rangem as cadeias com que a sociedade nos prende e que são de ouro quando as vemos de longe, de chumbo quando as trazemos e de ferro quando queremos quebrá-las.*

*Desprezo esta sociedade que não indaga, julga pelos rumores, condena sem averiguar e vive de inveja.*

*O muito talento e capicidade superior tornam o homem inapto para a nossa sociedade. E' que aos mercados insignificantes não se viu com ouro e diamantes, mas com cobre e prata miúda como já te disse, antes, esta tua.*

*Lina*



*Minha querida Lina*

*L*i na tua última a música do teu sentimento. Apresentei a tua carta à nossa prima, que cá está e enquanto estas letras são minhas as palavras são dela.

*I*mersa em ilusões desta vida poetisaste assuntos vários. Eu, com opiniões às vezes diferentes das tuas, sempre te tenho seguido, incondicionalmente e de olhos vendados, devido a confiança que me inspiras tu, o meu timoneiro cuja perícia não sei como admirar.

*D*edicar um livro a uma mulher vulgar é perder o mérito da obra. Os dois maiores poetas Homero e Shakespeare, esqueceram-se a tal ponto de falar de si que até se chegou a duvidar da sua existência. Nós, quais pirilampos, brilhamos só nas trevas, e, logo que buscamos a luz do dia, somos desprezadas porque revelamos as nossas imperfeições.

*I*ncógnita poeira do insondável abismo, nascida para viver esquecida, ela diz que não é digna do teu tributo que a faz corar porque pressente o ridículo a resmungar de soslaio com o lúgubre sonsonete de ironia.

*A* nossa sociedade, além de mascarar o pensamento, mascara o coração. No cofre do banqueiro dormem po-brezas metalizadas, e há agiotas que numa noite ceiam um bairro fúnebre de mendigos. Sei que me amas muito e que por mim és capaz de grandes sacrifícios. Mas esta tua afeição sincera que a sociedade inveja é só bem vista por quem te adora e é sempre tua

*Paula*

## Cartas são a respiração de uma amizade

—*Tudo o escritor que molha a pena no tinteiro não para sacar letras de câmbio sobre a bolsa dos leitores, mas para fazer da pena um porta-vóz dos seus affectos e dos seus pensamentos é sempre apóstolo de uma idea ou de uma forma estética e, quando escreve, sente palpitar o coração na santa impaciência de ser escutado, na fagueira esperança de ser comprehendido*—MANTEGAZZA.

\* \* \*

—*As cartas de amor devem rasgar-se. Vivem da volúpia do segredo e do pudor do sentimento. Há nelas uma vida que uiva e que freme, que lateja e que chora. Só têm o direito de viver no instante fugitivo em que se lêem. São momentos. São clarões. São desastres*—JULIO DANTAS

\* \* \*

—*Quando se escreve para a glória e para a posteridade o cunho das produções é diverso daquele que se imprime nas obras que se ditam para os caprichos da plebe, ou para a avidez dos editores. Estes escritores, arrancados pela fome, ou inspirados pela avareza mercantil, a glória desdenha-os quasi sempre, e a posteridade despreza-os orgulhosa*—LATINO COELHO.

\* \* \*

—*Nas cinzas de uma correspondência destruida há sempre algumas particulas de duas almas*—T. GAUTIER.

\* \* \*

—*E' obsceno o que é mal escrito. Escrever a verdade em tôda a sua cruza e por uma espécie de proibidade artistica, sempre que o exige o assumto que se disseca*—eis o dever impreterível do escritor que faz anatomia e patologia sociais—FIALHO DE ALMEIDA.

\* \* \*

—*Nenhum homem correcto guarda as cartas de amor que recebe*—MARQUEZ DE LAUZUN.

\* \* \*

—*Inumeros escritores devem a sua celebridade às incessantes censuras com que as criticas os honram*—E. WERTHEIMER.